

DA INADEQUAÇÃO DO TERMO “ANALFABETISMO” E DA NECESSIDADE DE NOVOS CONCEITOS PARA A COMPREENSÃO DO APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA

NILCE DA SILVA*

RESUMO

O presente artigo apresenta novos conceitos acerca da aquisição da leitura e da escrita materna. Partimos do conceito de “letrismo a-funcional” desenvolvido pelo professor Jean Biarnès, professor e pesquisador da Université Paris-Nord, e decorrentes deste, tratamos dos conceitos de “letrismo funcional”, “analfabetismo de resistência” e “alfabetização de opressão”. Fundamentando nossa exposição, mostramos o preconceito existente nos termos “analfabeto” (destinado às pessoas que encontram-se em situação de pouca ou nenhuma escolarização em sua própria língua materna). Finalmente, pretendemos contribuir para a compreensão do aprendizado da língua materna, do ensino das primeiras letras e ainda, oferecer conceitos que possam contribuir com pesquisa nesta área do saber.

PALAVRAS-CHAVE

1. letrismo a-funcional;
2. letrismo funcional;
3. analfabetismo de resistência;
4. alfabetização de opressão;
5. alfabetização;
6. analfabeto

* Profª Doutora do Departamento de Didática e Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Conhecer os trabalhos realizados pelo professor Jean Biarnés nas escolas públicas nos banlieus parisienses e o quadro teórico que o mesmo constrói, à luz da teoria de D. Winnicott, sobre a relação estabelecida entre imigrantes e a língua francesa, faz-nos perceber que a palavra “analfabetismo” (palavra que indica situação de desconhecimento da língua escrita do seu país natal) não é satisfatória para compreender a relação estabelecida entre o Homem na cidade de São Paulo, pesquisa em nível de doutoramento que realizamos desde 1998.

Existe alguma pessoa que não se relaciona de modo algum com a língua escrita de modo a ser considerado analfabeto no Brasil? Do nosso ponto de vista, a resposta é: Não. Não existe nenhuma pessoa que não se relaciona com o mundo das letras. Sendo assim, há que se pensar em “hovas” palavras que expliquem esta situação com diferentes nuances, conforme apresentaremos a seguir. Afirmamos que os termos “analfabeto” e “analfabetismo” precisam ser discutidos e retirados dos discursos dos nossos tempos, sejam eles proferidos por professores, formadores de professores, autoridades, alunos, entre outras pessoas.

Nossa proposta conceitual apresenta “letrismo funcional” e “letrismo a-funcional”, “analfabetismo de resistência” e “alfabetização de opressão”.

“LETRISMO A-FUNCIONAL” E “LETRISMO FUNCIONAL”

A palavra “analfabetismo”, no Brasil, especificamente, encontra-se maculada e insuficiente como conceito no fenômeno do aprendizado e ou não aprendizado da leitura e da escrita da Língua materna por pelo menos três razões: 1- Retira do sujeito toda a sua responsabilidade sobre a sua situação. Ou seja, nada se fala sobre o que o sujeito faz do contexto que lhe cerca. 2- Não explica porque nem todos os sujeitos reagem da mesma forma nesta situação, ainda que, saibamos que todos os sujeitos possuem um aparelho psíquico pensante. 3- Porque “analfabeto” indica um modo pejorativo de referir-se a pessoas que não dominam a leitura e a escrita.

Segundo J. Biarnés (1996, 1998, 1999), todos possuem uma relação com a letra, com a escrita. Ele também não está de acordo com o conceito de “analfabetismo funcional” já que este salienta as falhas de competências apresentadas por uma pessoa dentro das suas capacidades de utilizar-se da letra.

O conceito de leticismo a-funcional permite-nos compreender qual é o lugar da escrita dentro da relação Homem e realidade especialmente quando estamos no campo

da educação de crianças, jovens e adultos em situação de pouca ou nenhuma escolarização no Brasil.

A construção de “letrismo a-funcional” é de grande importância, isto porque, segundo tal conceito, ninguém está totalmente fora da letra ou dentro da letra, procura, portanto, compreender “à” ou “as” funcionalidade(s) que construímos em nossa relação com a letra. Funcionalidades externas que implicam em comunicação com os outros; e funcionalidades internas, na economia psíquica do sujeito. Nas palavras de Biarnès:

‘Personne n’étant totalement en dehors de la lettre, ni totalement dedans, le problème est alors de comprendre la ou les fonctionnalités que nous construisons dans nos rapports à la lettre. Il est alors évident, et aujourd’hui les statistiques le prouvent, que certains d’entre nous donne à ce rapport une fonctionnalité ‘externe’ quasi nulle. Nous parlons de ‘fonctionnalité externe’ car cette ‘a-fonctionnalité’ se situe dans les rapports de communication, dans les rapports à l’autre. Par contre en ‘interne’, c’est à dire dans l’économie psychique du sujet, ce rapport ‘a-fonctionnel externe’ à la lettre est hautement fonctionnel. En substitution aux concepts d’illettrisme ou d’analphabétisme fonctionnel, nous proposons donc de parler de ‘letrisme a-fonctionnel’. Ce changement de concept est d’importance car là où l’illettrisme et ‘analphabétisme fonctionnel’ stigmatisent le sujet en faisant le seul porteur d’anormalité, de manques, le concept de ‘letrime a-fonctionnel’ nous engage à regarder le problème comme inclus dans un large système de significations diverses qu’a donné le sujet en relation avec son environnement à son propre rapport à la lettre. L’une de ces significations l’engage à construire une a-fonctionnalité de la lettre dans ses rapports à l’autre’

BIARNÈS, 1999, 104

A nossa adesão ao conceito “letrismo a-funcional” indica o princípio da não estigmatização do sujeito. Tal definição é parte de um amplo sistema de significações diversas em que o sujeito, em relação com o seu meio, atribui significações à sua própria relação com o sistema escrito.

ANALFABETISMO DE RESISTÊNCIA E ALFABETIZAÇÃO DE OPRESSÃO

Afirmamos que em apenas um contexto o uso das palavras «analfabeto» e «analfabetismo» são suficientemente capazes de compreender o fenômeno do aprendizado da leitura e da escrita, conforme explicitaremos a seguir.

Segundo Serge Wagner (1990) podemos classificar as minorias sociais em três tipos: “Povos aborígenes: povos que habitam seu país de origem há muito tempo, que possuem, porém, um estilo de vida tradicional, considerado arcaico, pelas sociedades industrializadas. Neste grupo, situam-se os nativos australianos, nativos brasileiros etc. Minorias estáveis: Grupos estabelecidos no seu país de origem há muito tempo e que possuem modos de vida próximos das sociedades industrializadas, como por exemplo: Bretões na França, canadenses franceses no Canadá. ‘Novas minorias’: Designam pessoas que imigraram recentemente desejando a nacionalidade do país que os acolhe; e ainda, minorias criadas por um processo de migração interna no interior do próprio país; tal como observamos no caso dos nordestinos que migram para a cidade de São Paulo.

Já o analfabetismo, nestas sociedades minoritárias, pode ser classificado em dois tipos: analfabetismo de opressão e analfabetismo de resistência.

O “analfabetismo de resistência” pode ser utilizado quando a letra passa a ser um perigo muito grande de perda da identidade, sua a-funcionalidade torna-se uma arma eficaz contra essa perda fundamental. O fenômeno da resistência, diga-se de passagem, tem sido a causa do insucesso de muitos programas de alfabetização propostos no Brasil e no mundo. Ou seja, o analfabetismo de resistência pode produzir o letrismo a-funcional. Em relação ao «analfabetismo de opressão», afirmamos que o mesmo expressa a reação de integração forçada de um grupo minoritário face à ofensiva lingüística e cultural do grupo dominante.

Finalmente, decorrência dos conceitos apresentados até agora: “letrismo a-funcional”, “novas minorias”, “analfabetismo de resistência” e “alfabetização de opressão”, resta-nos definir o “letrismo funcional”.

Este conceito abrange o grupo de pessoas que têm excelente controle da língua escrita e falada do local em que se encontram inseridos, ou seja, pessoas capazes de fazer da língua instrumento de comunicação e de garantia de seus direitos, além, é claro, de fazer com que a escrita e a fala sirvam como possibilidades de organização das suas formas de pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de: “letrismo a-funcional”, “letrismo funcional”, “analfabetismo de resistência”, “alfabetização de opressão” parecem-nos os mais adequados para se compreender a compreensão do aprendizado da Língua Portuguesa nos anos iniciais da escolarização de crianças, jovens e adultos.

Além disso, mesmo não sendo o tema deste artigo, lembramos que os diferentes conceitos aqui apresentados alteram de modo substancial a prática

pedagógica do professor; e ainda, oferecem possibilidade de avanço na área da pesquisa que trate desta temática.

Em suma, o termo “analfabeto”, “analfabetismo” podem fazer parte do passado da educação no Brasil, pois mostram-se preconceituosos e insuficientes; outros conceitos, tais como os apresentados aqui, são necessários para a compreensão atual do tema que aqui abordamos.

BIBLIOGRAFIA

APPLE, Michael W. e NÓVOA, António (orgs.). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998.

BIARNÈS, Jean. Jeunes et adults en échec, mais encore! *Education*, Paris, vol. 24, mars/mai. 1996.

_____ Jean. *Universalité, Diversité, sujet dans l'espace pédagogique*. Paris: L'Harmattan, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KLEIMAN, Ângela (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

WAGNER, S.. In: *Minorities Ethnolinguistics, analphabetisme et alphabetisation: Les francophones minoritaires du Canada*, LIRE, *L.I.R.E. les actes du Colloque*. Cultures et subcultures orales, cultures et subcultures de l'écrit dans le pays de la francophonie. Decembre, 1990.